

NÚMERO 6 • Julho • 2025

ISSN: 2764-9601

# Fluir

revista de estudos gestálticos





# FLUIR

A revista eletrônica **FLUIR** é um veículo de comunicação do **Centro Gestáltico de Fortaleza** com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária.

É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros.

# EXPEDIENTE

## Editor Chefe

**Dr. Sérgio Lizias Costa de Oliveira Rocha**

[lattes.cnpq.br/6674108606136824](mailto:lattes.cnpq.br/6674108606136824)

## Editora Adjunta

**Ma. Maria Alice Queiroz de Brito**

[lattes.cnpq.br/6971371402679721](mailto:lattes.cnpq.br/6971371402679721)

## Corpo Editorial

**Ma. Alexandra Veras Sobreira**

[lattes.cnpq.br/0062300603305206](mailto:lattes.cnpq.br/0062300603305206)

**Dr. José Tancredo Lobo**

[lattes.cnpq.br/9618084825192955](mailto:lattes.cnpq.br/9618084825192955)

**Ma. Jéssica Pascoalino Pinheiro**

[lattes.cnpq.br/4923806490210925](mailto:lattes.cnpq.br/4923806490210925)

**Dra. Juliana Maria Pereira Diógenes**

[lattes.cnpq.br/1729025809044715](mailto:lattes.cnpq.br/1729025809044715)

## Capa, Diagramação e Arte Final

**André Kiyoshi Shibata (Ki)**

[lattes.cnpq.br/3990237922509044](mailto:lattes.cnpq.br/3990237922509044)

## Imagens

Pexels.com

## Bibliotecário

Nadsa Maria Araujo Cid - CRB 654

## Financiamento

Centro Gestáltico de Fortaleza

# PARTICIPE

A remessa de manuscritos para publicação, bem como toda a correspondência de seguimento que se fizer necessária, deve ser endereçada a:

## Editor

**Revista de Estudos Gestálticos - Fluir**

Centro Gestáltico de Fortaleza (CGF)

R. Pinho Pessoa, 1405, Dionísio Torres,

Fortaleza/CE, CEP: 60.135-205

Fone: (85) 3013-8274

Whatsapp: (85) 9.9921-0529

[fluir@centrogestalticofortaleza.com.br](mailto:fluir@centrogestalticofortaleza.com.br)

Todas as informações concernentes a esta publicação, tais como normas de apresentação de manuscritos, critérios de avaliação, modalidades de textos, etc., podem ser encontradas no site [www.centrogestalticodefortaleza.com.br](http://www.centrogestalticodefortaleza.com.br)

As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.

## Ficha Catalográfica

F628

[Recurso Eletronico] / Centro Gestáltico de Fortaleza. n 6 (julho, 2025) - Fortaleza:

Centro Gestáltico de Fortaleza, 2025-

ISSN: 2764-9601

Semestral

1. Gestalt-Terapia. 2. Educação. 3. Psicologia.

4. Saúde. 5. Pesquisa Qualitativa. 6. Filosofia.

I. Centro Gestáltico de Fortaleza.

CDD 150.1954



Nº 6 • Julho • 2025

ISSN: 2764-9601

# SUMÁRIO

07

**ENSAIOS EM GESTALT-TERAPIA:  
REFLEXÕES DA RELAÇÃO DIALÓGICA NO PROCESSO TERAPÊUTICO**

Francisco Adalberto Vieira dos Anjos

17

**CAMINHOS GESTÁLTICOS DIANTE DO SOFRIMENTO MATERNO NA  
DOENÇA: UMA CLÍNICA DO LUTO.**

Gustavo Alves Pereira de Assis

21

**GESTALT-TERAPIA, NEOLIBERALISMO E ADOECIMENTO:  
UMA RELAÇÃO TECIDA NOS VAZIOS DA PERFORMANCE**

Maria Alicya Teixeira Alves Firmo & Tancredo Lobo



## ENSAIOS EM GESTALT-TERAPIA: REFLEXÕES DA RELAÇÃO DIALÓGICA NO PROCESSO TERAPÊUTICO

*Francisco Adalberto Vieira dos Anjos*<sup>1</sup>

### RESUMO:

Estudos confirmam que a relação dialógica é o cerne da psicoterapia. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a relevância do relacionamento terapêutico como suporte essencial para a mudança e o crescimento do cliente frente às suas demandas existenciais. A Gestalt-terapia como abordagem humanista, fenomenológica e existencial, traz contribuições importantes sobre nosso modo de ser e estar no mundo. A relação mútua entre pessoa e mundo, em variados contextos da existência humana, possibilita novas configurações. É perceptível por meio desse estudo que a abordagem gestáltica com viés na empatia, vínculo e confiança, facilita a relação dialógica, proporcionando mudança no processo terapêutico. De natureza qualitativa e bibliográfica, a pesquisa traz contribuições de estudiosos humanistas como Perls (1942), (Buber, 1878-1965), Ribeiro (2015), Yontef (1998), Hycner (1995), Cardella (1994), dentre outros autores que abordam a temática facilitando a compreensão dos fenômenos que emergem no processo relacional. As reflexões epistemológicas das bases filosóficas e teóricas da Gestalt-terapia, contribuirão para uma melhor compreensão do estudo. Urge, portanto, a necessidade de uma relação que facilite o processo terapêutico como suporte essencial para a mudança e o crescimento do cliente, compreendendo “cura” como um reflexo da relação dialógica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relação dialógica; Presença; Contato; Gestalt-terapia.

<sup>1</sup> Psicólogo (UNIATENEU), Gestalt-terapeuta em Formação (ICGT), Mestrando em Ciências da Educação (World University Ecumenical), Pedagogo (UVA), Especialista em Psicologia das Relações Humanas (UVA), Especialista em Saúde Mental (UNIFAVENI), Especialista em Didática do Ensino Superior (UNIFAVENI), Especialista em Ensino de Matemática (UECE), Pós-graduando em Sexologia Clínica (FMSP), Pós-graduando em Psicologia Escolar e Educacional (ESTÁCIO), Professor da Educação Básica e Técnico do Conselho Municipal de Educação de Caucaia – CMEC, Membro da Comissão Comunidade Escola – OAB – Seção/CE.

## 1. INTRODUÇÃO

Somos seres humanos relacionais. Baseado nessa premissa percebemos o quanto o ser humano necessita estar em constante contato consigo mesmo e com os outros. Acredita-se que, em razão das inúmeras responsabilidades que temos em nosso dia-a-dia, raramente nos damos conta da necessidade de estar com o outro, ouvi-lo, fazer-se presente e até mesmo de se relacionar de modo saudável em diversos contextos de nossa vida.

Trabalho, estudo e tantos outros compromissos que estão sob nosso olhar, nossa responsabilidade, acabam que de fato nos distanciando de nós mesmos. Postura feita essa, é um caminho enfadonho que poderá nos trazer sérias consequências, muitas vezes não percebidas ao longo de nossa vida. Isso posto, poderá reverberar em nós, sentimentos não correspondidos, seja por meio do diálogo, da escuta, do olhar e tantos outros fenômenos que atravessam nossa existência.

A Gestalt-terapia como abordagem humanista, fenomenológica e existencial, traz contribuições relevantes sobre nosso modo de ser e estar no mundo, o que implica uma relação mútua entre pessoa e mundo, nos mais variados contextos da existência humana. Ressalta-se que, uma das premissas importantes na Gestalt-terapia, enquanto abordagem clínica, é a possibilidade de ampliar a consciência do cliente sobre sua forma de se relacionar consigo mesmo, com os outros e sobretudo, com o mundo e de tudo que está a sua volta.

Este estudo de natureza qualitativa e bibliográfica traz contribuições de grandes estudiosos humanistas como Perls (1942), Buber (1878-1965), Ribeiro (2015), Yontef (1998), Hycner (1995), Cardella (2013), dentre outros que abordam de forma contextualizada e ética, aportes teóricos que facilitam a compreensão dos fenômenos surgidos na relação dialógica, como possibilidade de escuta, encontro e crescimento no processo terapêutico.

Nesse sentido, a presente pesquisa teve como objetivo promover reflexões acerca da relação dialógica numa perspectiva gestáltica e processual na psicoterapia humanista, identificando características no cuidado e

sobretudo, nas experiências em atendimento clínico na abordagem gestáltica.

Diante a uma postura humanista e relacional, a Gestalt-terapia tem suas raízes na fenomenologia existencial que enfatiza a relação entre o cliente e o terapeuta numa visão holística do homem, como possibilidade de fazer-se presente no encontro, no diálogo e no cuidado que demanda no processo existencial. Urge, portanto, a necessidade de uma relação que enfatize o processo terapêutico como suporte essencial para a mudança e o crescimento do cliente frente às suas demandas existenciais.

Importante fomentar que a relação dialógica na Gestalt-terapia tem forte influência de seus pressupostos filosóficos baseados no Humanismo, na Fenomenologia e no Existencialismo, o que possibilita ampliar a compreensão dessa abordagem relacional, a partir de outras influências como a Teoria Organísmica, a Teoria de Campo, a Psicologia da Gestalt e o Holismo. Para uma melhor compreensão dos termos supracitados, ao longo desse estudo, pontuaremos de maneira sucinta cada uma dessas contribuições no contexto da relação terapêutica numa perspectiva gestáltica.

A teoria que fundamenta o processo da relação terapêutica na Gestalt-terapia é perpassada pela filosofia de Martin Buber, conhecida como relação dialógica, tomando como base as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, enfatizando as duas dimensões da filosofia do diálogo que integram a existência do homem.

Destarte, traremos reflexões embasadas nas ideias de estudiosos que se dedicaram sobre à temática, fundamentadas essencialmente nas ideias do filósofo Martin Buber, quando muito bem afirma em sua obra EU e TU, traduzida por Newton Aquiles Von Zuben (2001): “A alteridade essencial se instaura somente na relação Eu-Tu; no relacionamento Eu-Isso o outro não é encontrado como outro em sua alteridade” (Buber, 1878-1965).

Sustenta-se que a relação dialógica na Gestalt-terapia como possibilidades de encontro nos remete a essa compreensão do ser humano como um todo, de forma integral, compreendendo-o em seus processos e ao mesmo tempo refletindo com o clien-

te acerca de suas responsabilidades e escolhas. Entrar em contato consigo mesmo diante de suas demandas, possibilita um crescimento relacional. Cardella (apud Fração; Fukumitsu, 2015, p. 61), enfatizam que, “na Gestalt-terapia, o homem é ser relacional, paradoxal, criativo e de passagem, pois está sempre para além de si mesmo e do outro; embora consciente da finitude, anseia por e concebe o infinito, interrogando sua existência, sua origem, seu fim: é ser aberto”. Nessa relação dialógica, o homem aproxima-se e afasta-se, permitindo o encontro consigo mesmo e com o outro.

## 2. GESTALT-TERAPIA: DIMENSÃO DIALÓGICA, PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS E BASES TEÓRICAS

Como já mencionado, a Gestalt-terapia é uma abordagem relacional, pois considera o homem como ser em processo e em pleno desenvolvimento em todas as suas dimensões. Nesse sentido, muito contribui para uma verdadeira transformação do indivíduo como pessoa, considerando seus limites e suas potencialidades, desde que a pessoa se permita à mudança, configurando novas possibilidades de encontro e crescimento pessoal.

Ribeiro (2016) nos presenteia mencionando que a “Gestalt-terapia é vista como uma postura humanista não podendo ser pensada fora da dimensão humana da existência, e dessa forma é colocada lado a lado da psicologia humanista”. E ainda acrescenta,

Gestalt-terapia é uma Teoria da pessoa, porque vê o comportamento normal e não normal pela ótica das teorias e filosofias de base que a fundamentam e que lhes permitem metodizar uma forma de psicoterapia como um funcionamento que atende e responde às necessidades da pessoa de perceber e ver o lugar do bem-estar e da saúde como o lugar normal da existência humana. (Ribeiro, 2011, p. 119)

### 2.1 Dimensão Dialógica

Quando falamos acerca da dimensão dialógica, logo nos remetemos para algo sagrado. Trata-se da compreensão do Homem considerando o que há de mais sublime na

relação existencial, consigo mesmo e com o outro em contexto de psicoterapia. É a verdadeira expressão da subjetividade humana. Hycner (1995) vai dizer que toda terapia, em maior ou menor grau, apoia-se nos encontros entre terapeuta e cliente. A terapia dialógica, entretanto, fundamenta-se de modo direto na cura pelo encontro como ponto central, em vez de torná-lo como aspecto secundário (Hycner, 1995, p. 11).

Assim, a dimensão dialógica proporciona uma relação, ou seja, é vista como uma abordagem dialógica que valoriza a relação entre pessoa e pessoa. Por isso, a psicoterapia é fundamental para o autoconhecimento e o crescimento pessoal, para lidar com as questões e as demandas existenciais. Hycner e Jacobs (1997) define a abordagem dialógica ao mencionar que,

a psicoterapia dialógica define-se basicamente por uma abordagem, atitude ou postura em relação à existência humana em geral, e ao processo de psicoterapia em particular. É um modo de ser. Nunca poderá haver uma afirmação final e total na abordagem dialógica. Por sua própria natureza, é sempre um processo em andamento, exigindo respostas únicas para situações únicas. (Hycner; Jacobs, 1997, p. 31)

Percebe-se, que, de acordo com os autores, a dimensão dialógica é algo de uma singularidade em intenso movimento numa perspectiva subjetiva, como parte integrante de um ser em processo, cuja natureza é única, intransferível e essencialmente relacional. A terapia dialógica, entretanto, fundamenta-se de modo direto na cura pelo encontro como ponto central, em vez de torná-lo como aspecto secundário (Hycner, 1995, p.11).

### 2.2 Pressupostos Filosóficos

#### Humanismo

Com o surgimento da terceira força da psicologia, o humanismo vem colocar o homem como centro do mundo e da existência. Ao falar sobre humanismo na Gestalt-terapia, nos remete a ideia do ser humano como senhor de si mesmo, considerando que cada pessoa é única, singular e ver o homem em sua totalidade, sem restrições, sem rupturas. A Gestalt-terapia sendo uma das abordagens considerada humanista, fundamenta-se no seu conceito de pessoa,

apresentando-se como uma filosofia de base existencial.

Como nos aponta Mendonça (2013) apud Frazão e Fukumitsu (2013) ao mencionar que,

De forma genérica, a expressão “humanismo” pode ser definida como um conjunto de princípios que estabelecem a valorização e a dignidade inerentes à pessoa, independente de qual seja sua condição atual no mundo, preservando que cada homem deve ser tratado por qualquer outro homem e por todas as instituições sob a regência de valores morais como respeito, justiça, honra, amor, liberdade, solidariedade, etc. (Mendonça, 2013, p. 89)

É nesse contexto que a Gestalt-terapia possibilita encontro, respeitando a pessoa em toda a sua dimensão, de forma que esse homem estabeleça vínculos potencializando a relação dialógica, uma vez que a abordagem gestáltica vê a pessoa como sendo do mundo, não como um ser isolado, mas formando com o mundo uma única realidade, uma interrelação, uma vivência relacional sem se perder em sua singularidade constitutiva (Ribeiro, 2011, p. 79).

O Humanismo acredita na potencialidade que tem o ser humano como um ser incompleto, sempre em busca de si mesmo e de seu crescimento pessoal, possibilitando seu desenvolvimento de forma saudável e integral.

## Fenomenologia

Segundo Martins e Dichtchekenian (1984) apud Ribeiro (2011, p. 85), a fenomenologia não é algo para ser contemplado, algo impessoal, alheio, que eu possa repetir como um aprendizado. Ela só acontece no compromisso vivo de alguém que a torna presente na maneira como o dito ou o feito é re-dito ou re-feito. Como isso, os autores vão dizer que a fenomenologia, como filosofia, constitui a pessoa em Gestalt-terapia como um estado aberto de espírito, um processo de desvelamento que implica ao mesmo tempo à subjetividade.

Fenomenologia é método, epistemologia e filosofia. Para Sills e Joyce (2016, p. 31), o método fenomenológico para o terapeuta é uma tentativa de se permitir uma experiência nova com o cliente, evitando tomar

os próprios juízos e preconceitos com muita seriedade e procurando ter uma atitude aberta.

É nessa perspectiva que a Gestalt-terapia possibilita o encontro com o cliente em sessões de terapia. Cabe muito bem aqui a presentificação, é o “estar com” mediante o que o cliente nos apresenta. É chegar o mais perto possível e fazer contato, permanecer com ele, dando sentido a tudo que lhe atravessa em contexto clínico.

## Existencialismo

Na Gestalt-terapia, o existencialismo é compreendido como uma corrente filosófica que se caracteriza a partir da valorização da subjetividade e a experiência individual da pessoa, colocando-o no centro de suas questões existenciais. Tal filosofia apoia que os indivíduos dão sentido ao significado de suas vidas, considerando suas ações, na busca de encontrar-se consigo mesmo, sendo responsável por suas próprias decisões. Ribeiro (2011, p. 105) enfatiza, que o existencialismo considera a pessoa em ação, com seus sentimentos concretos, suas angústias, suas dores e suas buscas, seus anseios e suas insatisfações. Percebe a pessoa não como uma ideia, mas sobretudo como algo concreto, existente, real no aqui-agora.

A literatura aponta que o existencialismo, em termos filosóficos, se contrapõe igualmente às perspectivas do Racionalismo e do Positivismo. Fundamentado na visão de Sartre, de que a existência precede a essência, ou seja, a existência não tem um sentido pré-definido, simplesmente existimos e estamos em constante relação com o mundo, afetando e sendo afetado numa existência de vir a ser, sendo responsável por suas escolhas. Sartre (1905) elucida muito bem nessa perspectiva,

Mas se realmente a existência precede a essência o homem é responsável pelo que é. Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total sobre sua existência. (Sartre, 1905, apud Kreuch, p. 20)

Para os autores em referência, o Homem, ao mesmo tempo que faz as suas escolhas, sendo um legislador da própria existência, é inteiramente responsável pelo seu

dever, como uma visão sartreana na perspectiva existencial de que o Homem é concebido como um ser livre e responsável por construir sua própria existência, assumindo suas próprias decisões.

## 2.3 Teorias de Base

### Psicologia da Gestalt

Gestalt é uma palavra alemã de tradução desconhecida. O significado mais próximo na língua portuguesa versa sobre configuração ou forma, e que não é muito colocado em razão de não corresponder precisamente a um significado mais próximo no contexto da Psicologia.

Frazão (2013, p. 99), na obra coleção Gestalt-terapia – fundamentos epistemológicos e influências filosóficas - contribui afirmando que a psicologia da Gestalt surge no início do século 20 tendo como principais expoentes Wertheimwe, Köhler e Koffka. Tais estudiosos afirmam que percebemos totalidades que são diferentes das somas das partes, os autores em referências revolucionaram as teorias a respeito da maneira como as coisas são percebidas.

Sobre as contribuições da psicologia da Gestalt na relação dialógica se fundamenta na forma e percepção quando o cliente traz suas experiências, no sentido de se olhar como um todo, sobretudo aquilo que o atravessa. O todo, e não somente as partes, vai contribuir para uma compreensão de sua natureza humana.

Perls (1893) apud Sans e Silva (2023), em sua obra intitulada: “abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia”, vai nos dizer que a premissa básica da psicologia da Gestalt é que a natureza humana é organizada em partes ou em todos, vivenciada pelo indivíduo nesses termos, e que só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita (Perls, 1893, p. 19).

Percebe-se, portanto, a dimensão da psicologia da Gestalt. Como vimos anteriormente, o próprio fundador da Gestalt-terapia faz referência em seus estudos, utilizando as ideias da Gestalt para compreender o funcionamento psíquico. O autor em referência afirmava que, no campo da Gestalt, a totalidade não pode ser entendida pelo estudo de suas partes. Nessa compreensão

rompe-se a tradição causalista para explicar os fenômenos psíquicos (Frazão, 2013, p. 109)

## Teoria de Campo

Influenciada pela obra de Lewin (1964), a Teoria de Campo traz a compreensão de que o comportamento do indivíduo é o resultado da interação entre ele e o ambiente em que está inserido. Em sua teoria, utilizou-se do conceito físico de campo de força para explicar os fatores ambientais como influência no comportamento humano, ou seja, um indivíduo nunca está totalmente independente ou isolado, afetamos e somos afetados o tempo todo.

Nesse sentido, o campo é relacional. Daí a experiência na clínica atravessada por diferentes questões vivenciadas pelo cliente, e que, de alguma forma, o afeta, e, na maioria das vezes, não se percebe como responsável pelas suas decisões. O comportamento humano sofre alterações de maneira perceptível e acessível na sua totalidade, na relação pessoa-mundo. Ribeiro (2015) pontua ao mencionar,

Na concepção lewiniana, a pessoa humana não é vítima de si mesma, não é determinada a priori pelos seus instintos (psicanálise) ou por condicionamentos inevitáveis (behaviorismo) mas é responsável pelo seu destino, pela sua liberdade e passa a correr o risco de existir por conta própria (fenomenologia existencial). O comportamento é então algo acessível, observável, percebido tal qual é, explicável, sem metáforas, de acordo com o sujeito e com a realidade na qual ocorre, em todo momento. (Ribeiro, 2015, p. 65)

Yontef (1998, p. 184) também acrescenta que o campo é interativo, determinado pelas forças altamente presentes e enfatiza características marcantes ao mencionar que o campo é uma teia sistemática de relacionamentos; é contínuo no espaço e no tempo; tudo é de um campo; os fenômenos são determinados pelo campo todo; é uma fatalidade unitária: tudo no campo afeta o resto. A Teoria de Campo é um pilar necessário de sustentação da clínica gestáltica.

## Teoria Organísmica

Kurt Goldstein trouxe relevantes contribuições para psicologia, em especial, na abordagem da Gestalt-terapia por meio de sua teoria psicológica, onde apresenta

o funcionamento do organismo como um todo, relacionando e interagindo com o ambiente ao qual está inserido. Alguns termos e conceitos são apresentados pela literatura como parte dessa compreensão a saber, auto-regulação, figura-fundo, autorrealização dentre outros, ou seja, conceitos trabalhados na abordagem da Gestalt-terapia que facilitam o contato com a experiência do cliente.

Somos organismos vivos e estamos sempre em pleno processo. A teoria organísmica tem enfoque direto na construção da personalidade humana que fundamenta a visão de homem, de pessoa e de mundo em contato consigo mesmo no contexto psicoterapêutico. É nessa perspectiva que se dá a relação dialógica por meio da psicoterapia. O Homem enquanto ser integral tem dentro dele uma capacidade incrível de atualização para seu crescimento de maneira saudável e acessível com um grande potencial organísmico.

Ribeiro (2015, p. 120) suscita que a proposta da psicoterapia não poderia ser outra se não a de levar as pessoas a descobrir e a gerar fontes de prazer, pois o prazer é o caminho natural para manter o equilíbrio organísmico e é exatamente aí que a energia se revela na sua forma mais pura. Desse modo, é na relação dialógica que acontece o encontro com o vivido. As experiências que constitui o ser humano trazem novas possibilidades de serem refletidas para que faça sentido na vida do cliente, encontrando nele, um lugar de abertura e de encontro para o novo, como sustenta Cardella (2015): "o acolhimento do paciente como totalidade que não pode ser capturada é atitude ética fundamental e possibilidade de encontro na relação terapêutica".

Segundo Yontef (1998, p. 19), o relacionamento terapêutico em Gestalt-terapia enfatiza quatro características de diálogo, a saber: inclusão, presença, compromisso com o diálogo e o diálogo vivido. O autor considerado referência nacional e internacional na comunidade gestáltica, enfatiza que inclusão seria o modo de como o terapeuta posiciona-se na experiência do cliente sem julgamento, resguardando os sentidos trazidos na experiência do outro, propiciando um ambiente de segurança e acolhimento. O autor dar ênfase em relação à presença do gestalt-terapeuta na vida do cliente. Não

àquela presença usada para manipular o cliente a moldar-se a objetivos preestabelecidos, sobretudo para encorajá-lo a regular-se de forma autônoma. Nessa premissa, será possível restabelecer o compromisso com o diálogo, buscando a compreensão pela presença ativa e curativa do terapeuta e do paciente, num relacionamento baseado em contato verdadeiro (Yontef, 1998, p. 21).

Nessa dimensão dialógica como processo de crescimento diante do terapeuta, faz-se necessário que haja, na própria relação com o cliente, uma reciprocidade entre ambas as partes. Perceber as fragilidades e as potencialidades do cliente e ser-lhe verdadeiro possibilita crescimento e autenticidade diante do que o cliente apresenta. A confirmação do que o cliente traz no setting terapêutico pode ser enriquecedor, favorecendo caminhos para sua awareness. Contudo, o terapeuta deve ficar atento e seguro às evitações e jogos de manipulações que poderá suscitar por parte do cliente na relação terapêutica, o que é absolutamente natural na dinâmica do processo.

Cardella (1994, p. 60) contribui nesse sentido, ao afirmar que a confirmação inclui a possibilidade de discordar do cliente, negar satisfações e até "frustrar" as manipulações e os jogos de controle. A autora acrescenta ainda que confirmar e amar incondicionalmente implica também o estabelecimento de limites entre si mesmo e o cliente. Tal postura oferece também suporte ao cliente sem necessariamente ser agressivo, possibilitando ao cliente ter uma experiência de suas próprias limitações e dificuldades, porém, responsabilizando-se por elas. A autora em referência chama atenção, ao mencionar que:

Em muitas situações, o terapeuta precisa ser "firme", "duro" e "forte" para limitar as manipulações e auxiliar o cliente a assumir responsabilidades e crescer; porém não é necessário ser "rude", "implacável", "agressivo" ou "frio" o que não caracterizaria uma atitude amorosa, mas sim desintegrada, narcísica ou defensiva da parte do terapeuta (Cardella, 1994, p. 60).

Como nos afirma Juliano (1999, p. 30), a tarefa da terapia é auxiliar o cliente a delimitar as suas necessidades, e como decor-

rência, formular as suas perguntas. Como vimos, a relação dialógica na Gestalt-terapia possibilita ao cliente vivenciar o seu processo de forma ativa, possibilitando o seu crescimento, a sua integração e o seu contato consigo mesmo e com o campo onde está inserido.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar em relação terapêutica numa perspectiva da Gestalt-terapia, nos remete a várias reflexões como possibilidades de encontro e cuidado no acompanhamento com os clientes numa relação dialógica. Nesse cenário, a Gestalt-terapia como abordagem humanista, existencial e fenomenológica, contribui para o ajustamento da pessoa, mediante aos seus desafios existenciais, promovendo sujeitos autênticos no seu processo de ser estar no mundo.

Desse modo, torna-se importante construir uma relação harmoniosa, onde terapeuta e cliente, juntos, possibilite uma melhor compreensão das demandas que lhe afeta, ampliando sua percepção e contribuindo para suscitar novos sentidos e significados diante do fenômeno que atravessa. Isso posto, o terapeuta tem um papel importantíssimo como facilitador em cada encontro com o cliente no setting terapêutico, sobretudo, mostrar-se aberto, ético, sensível e acolhedor.

Confirma-se nesse ensaio que é por meio do contato, na relação dialógica, onde surge vários fenômenos que não devem passar despercebido, e dessa forma, vivenciar ao lado do cliente suas experiências, validando e dando sentido ao que ele traz, por muitas vezes, não se dar conta aos desafios que emergem. É nessa dimensão que os conceitos aqui discorridos fazem todo um sentido para melhor compreender os fenômenos implicados no campo relacional terapêutico.

Da mesma forma que a relação dialógica no processo terapêutico possibilita confirmar um encontro genuíno de mudança e ampliação para novas configurações na vida do cliente, considero que o diálogo entre essas teorias também pode ser. Assim sendo, para que novos significados surjam, permitindo que esse terreno continue fértil para uma potente transformação, é necessário permitir-se nesse processo como sujei-

to ativo, capaz de responder pelas suas decisões, assumindo com ética e postura suas responsabilidades diante de suas escolhas.

Espera-se que as reflexões aqui pautadas possam chegar ao leitor, contribuindo para novos olhares e outras percepções acerca da psicoterapia numa perspectiva dialógica e transformadora de processos, tendo a abordagem gestáltica como principal instrumento de mudanças, de possibilidades e de encontros dialógicos, por sermos em essência, seres humanos relacionais.

Dessa forma pode-se concluir que a psicoterapia dialógica se dá por uma relação genuína, onde terapeuta e cliente crescem juntos, lado a lado, acompanhando-o em todo seu processo de crescimento, vislumbrando à mudança. Estudiosos aqui referendados contribuíram significativamente para uma melhor compreensão da clínica dialógica, pois, além de ser extremamente potente, existe um princípio de "cura" por meio dessa relação.

É na relação dialógica que acontece o encontro com o vivido. As experiências que constitui o ser humano trazem novas possibilidades de serem refletidas para que faça sentido na vida do cliente, encontrando nele, um lugar de abertura e de encontro para o novo, como sustenta Cardella (2015): "o acolhimento do paciente como totalidade que não pode ser capturada é atitude ética fundamental e possibilidade de encontro na relação terapêutica".

Segundo Yontef (1998, p. 19), o relacionamento terapêutico em Gestalt-terapia enfatiza quatro características de diálogo, a saber: inclusão, presença, compromisso com o diálogo e o diálogo vivido. O autor considerado referência nacional e internacional na comunidade gestáltica enfatiza que a inclusão seria o modo de como o terapeuta posiciona-se na experiência do cliente sem julgamento, resguardando os sentidos trazidos na experiência do outro, propiciando um ambiente de segurança e acolhimento. O autor dar ênfase em relação à presença do gestalt-terapeuta na vida do cliente. Não àquela presença usada para manipular o cliente a moldar-se a objetivos preestabelecidos, sobretudo para encorajá-lo a regular-se de forma autônoma. Nessa premissa, será possível restabelecer o compromisso com o diálogo, buscando a compreensão

pela presença ativa e curativa do terapeuta e do paciente, num relacionamento baseado em contato verdadeiro (Yontef, 1998, p. 21).

Nessa dimensão dialógica como processo de crescimento diante do terapeuta faz-se necessário que haja, na própria relação com o cliente, uma reciprocidade entre ambas as partes. Perceber as fragilidades e potencialidades do cliente e ser-lhe verdadeiro possibilita crescimento e autenticidade diante do que o cliente apresenta. A confirmação do que o cliente traz no setting terapêutico pode ser enriquecedor, favorecendo caminhos para sua awareness. Contudo, o terapeuta deve ficar atento e seguro às evitações e jogos de manipulações que poderá suscitar por parte do cliente na relação terapêutica, o que é absolutamente natural na dinâmica do processo.

Cardella (1994, p. 60) contribui nesse sentido, ao afirmar que a confirmação inclui a possibilidade de discordar do cliente, negar satisfações e até “frustrar” manipulações e jogos de controle. A autora acrescenta ainda que confirmar e amar incondicionalmente implica também o estabelecimento de limites entre si mesmo e o cliente. Tal postura oferece também suporte ao cliente sem necessariamente ser agressivo, possibilitando ao cliente ter uma experiência de suas próprias limitações e dificuldades, porém, responsabilizando-se por elas. A autora em referência chama atenção, ao mencionar que,

Em muitas situações, o terapeuta precisa ser “firme”, “duro” e “forte” para limitar as manipulações e auxiliar o cliente a assumir responsabilidades e crescer; porém não é necessário ser “rude”, “implacável”, “agressivo” ou “frio” o que não caracterizaria uma atitude amorosa, mas sim desintegrada, narcísica ou defensiva da parte do terapeuta. (Cardella, 1994, p. 60)

Como nos afirma Juliano (1999, p. 30), a tarefa da terapia é auxiliar o cliente a delinear as suas necessidades, e como decorrência, formular as suas perguntas. Como vimos, a relação dialógica na Gestalt-terapia, possibilita ao cliente vivenciar o seu processo de forma ativa, possibilitando seu crescimento, integração e contato consigo mesmo e com o campo onde está inserido.

## REFERÊNCIAS

- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia.** Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu. (organizadoras). São Paulo: Summus, 2015. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas)
- CARDELLA, Beatriz Helena Paranhos. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica.** São Paulo: Summus, 1994.
- HYCNER, Richard. **De Pessoa a Pessoa: Psicoterapia Dialógica.** São Paulo: Summus, 1995.
- JOYCE, Phil; SILLS, Charlotte. **Técnicas em Gestalt: aconselhamento e psicoterapia.** Petrópolis: Vozes, 2016.
- JULIANO, Jean Clark. **A arte de restaurar histórias: o diálogo criativo no caminho pessoal.** São Paulo: Summus, 1999.
- JULIANO, Jean Clark. **A vida, o tempo, a psicoterapia.** São Paulo: Summus, 2010.
- LIMA, Patrícia; GLADYS, D'acri; ORGLER, Sheila (Org). **Dicionário de Gestalt-terapia: gestaltês.** 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Summus, 2016.
- MENDONÇA, Marisete Malaguth. **A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas.** Lilian Meyer Frazão e Karina Okajima Fukumitsu. (organizadoras). São Paulo: Summus, 2013. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas)
- PERLS, Frederick Salomon. **Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud.** (Tradução Georges D. J. Bloc Boris). São Paulo: Summus, 2002.
- PERLS, Frederick Salomon. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia.** Tradução de José Sans, revisão técnica Jorge Alberto Costa e Silva. 2 ed. Reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2023
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho.** São Paulo: Summus, 2011.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia de curta duração.** 4. ed. São Paulo: Summus, 2015.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Vade-mécum de gestalt-terapia: conceitos básicos.** 3. ed. São Paulo: Summus, 2016.
- RODRIGUES, Hugo Helidio. **Introdução à Gestalt-terapia: conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Vozes de Bolso)
- YONTEF, Gary M. **Processo, Diálogo e Awareness.** São Paulo: Summus, 1988.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.



## CAMINHOS GESTÁLTICOS DIANTE DO SOFRIMENTO MATERNO NA DOENÇA: UMA CLÍNICA DO LUTO

*Gustavo Alves Pereira de Assis*<sup>1</sup>

### RESUMO:

Este ensaio teórico busca compreender alguns caminhos gestálticos diante de mães em grave sofrimento existencial advindo do adoecimento de seus filhos. Para isso, recorre a duas vinhetas clínicas a fim de ilustrar o saber-fazer da Abordagem Gestáltica na Clínica Ampliada diante desse fenômeno de intensa dor total. As histórias de Tristeza e Angústia demonstram esse fenômeno e são o ponto de partida para se pensar em uma clínica do luto em Gestalt-terapia. Observou-se que o processo de luto materno enquanto condição de ser-mundo opera-se na polaridade luto-luta, seja pela perda concreta da fisicalidade do filho ou pela ruptura na habitualidade da relação mãe-filho, demandando do campo níveis satisfatórios de heterossuporte para que os ajustamentos criativos funcionais emergjam. Assim, enquanto uma clínica do encontro, os caminhos gestálticos diante de mães em profundo sofrimento existencial convoca o Rosto do psicoterapeuta. Trata-se, portanto, de uma clínica sensível, de enfoque dialógico, tendo como experimentação primordial a vivência dialógica. Nesse sentido, fundamenta-se como uma clínica do amor terapêutico, que visa à reorganização do campo experiencial diante de perdas, promovendo a cura existencial

**PALAVRAS-CHAVE:** Abordagem Gestáltica; Clínica Ampliada; Dor Emocional; Enlutamento; Psicoterapia.

Mas chegava a hora da tristeza.

- Tenho de ir - ele dizia.

- Por favor, não vás. Fico tão triste. Terei saudade. E vou chorar...

- E a menina fazia beicinho...

- Eu também terei saudade - dizia o pássaro. - Eu também vou chorar. Mas vou contar-te um segredo: as plantas precisam da água, nós precisamos do ar, os peixes precisam dos rios... E o meu encanto precisa da saudade. É aquela tristeza, na espera do regresso, que faz que as minhas penas fiquem bonitas. Se eu não for, não haverá saudade. Eu deixarei de ser um pássaro encantado. E tu deixarás de me amar.

(ALVES, 2023, pp.13-15).

<sup>1</sup> Psicólogo pela Universidade de Rio Verde (UniRV), CRP-09/013837, Gestalt-terapeuta pelo Instituto Gestalt de Curitiba (IGC), com residência em Infectologia pela Secretaria de Estado da Saúde de Goiás (SES-CO). Possui título de especialista em Psicologia da Saúde pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com ênfase em Gestalt-terapia.

## 1. INTRODUZINDO CAMINHOS GESTÁLTICOS

Este estudo teórico versa sobre alguns caminhos gestálticos com mães em sofrimento emocional agravado pelo adoecimento de seus filhos. Para isso, recorre a duas vinhetas clínicas a fim de ilustrar a compreensão da Abordagem Gestáltica no manejo desse fenômeno, sob o enfoque da Clínica Ampliada no âmbito da Psicologia Hospitalar. Nessa perspectiva, não se trata de estudos de casos clínicos e sim de uma articulação teórico-prática para fomentar o saber-fazer da clínica gestáltica com mães em profundo sofrimento existencial diante da doença de seus filhos. Com isso, segue os princípios éticos da proteção da imagem das pacientes e da confidencialidade, utilizando de alguns recortes clínicos apenas para exposição teórica.

A escrita segue um movimento pós-moderno em que há a permissão para o uso da primeira e da terceira pessoa do singular, em uma “dança rítmica” durante a exposição teórica. A justificativa dessa escolha incide na prerrogativa de que o clínico-pesquisador está imbuído de subjetividade, e esse processo de subjetivação encontra-se presente no processo terapêutico em hospitais, bem como se faz ato na escrita clínica. Assim, trata-se de um texto poético, pois tem no olhar poético a sua ética fundamental. Isso me faz pensar que o projeto ético da Gestalt-terapia é essencialmente estético, pois pauta-se na concepção de que a psicoterapia e as demais formas de assistência psicológica na Clínica Ampliada configuram-se como uma arte sensível, além de ser ciência. Aqui ciência e arte se entrelaçam, e nisso surge a po-ética, uma poética da experiência, do entre, daquilo que é sentido e vivido na relação. É uma poiesis.

Nessa direção, esta vinheta clínica desvela duas experiências singulares de mães durante a hospitalização de seus filhos, que, em seu núcleo fenomenal, assemelham-se, pois, em suma, tratam da dor do amor. Com isso, refiro-me às vivências particulares de cada paciente que, em um contexto de intersubjetividade, revelam um fenômeno comum, intercorporal, que, em Fenomenologia, chamaremos de invariantes ou núcleos de sentido ou significado centrais. Em texto anterior (ASSIS, 2025), chamei isso de unidades de presença para designar a captação de visadas perceptivas durante o encontro

clínico, sendo “(...) aquilo que parte da descrição fenomenológica do fenômeno, de estar em presença e na escuta clínica, ou melhor, na ausculta psicológica (...)” (p. 67). Assim sendo,

(...) cada estrutura que vai emergindo dessa unidade constrói uma certa totalidade, um todo, uma estrutura, uma Gestalt, nomeada aqui de “unidade de presença” que, em conjunto, relacionam-se como um todo de cada subjetividade encarnada, não no sentido de uma soma de partes, mas em um movimento de concreção do próprio ser-mundo (ASSIS, 2025, p. 67)

As unidades de presença captadas durante os encontros clínicos com as duas pacientes enfocam a experiência de ser mãe de crianças gravemente adoecidas, partindo da concepção de que, em Pediatria, a assistência em saúde é global. Com isso, pautou-se a atuação na díade criança-familiar, apesar do recorte deste texto recair sobre o sofrimento materno. Desse modo, entendo que cuidar da mãe é cuidar do filho e vice-versa, cuidar da parte é cuidar do todo, afinal toda parte está prenhe de totalidade. Chamarei de Tristeza e Angústia as pacientes deste ensaio, sinalizando o processo de sofrimento existencial agravado vivenciado por elas.

Os filhos de Tristeza e Angústia encontravam-se em uma Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTI-PED) devido à gravidade de seus quadros patológicos e à necessidade de contínua vigilância e de monitoramento clínicos. No caso da filha de Angústia, não foram realizadas intervenções psicológicas com a criança, que estava sob Cuidados Paliativos, na modalidade exclusiva. Em interconsulta com médica paliativista, optou-se por minimizar a estimulação dessa paciente, para que a mesma pudesse ter dignidade em seu morrer. Aqui dignidade pode ser traduzida como deixar as coisas serem o que são, revelando que o não fazer é também um fazer. Talvez mais sagrado, mais humano. No caso da outra criança, o filho de Tristeza, foram realizadas intervenções de estimulação multissensorial, com o objetivo de promover o cuidado do atraso neuropsicomotor da criança.

Foi a partir dos encontros com essas histórias que este texto surgiu e que um caminho gestáltico foi possível para ser trilhado. Estamos falando do amor ferido, daquela

dor que surge advinda da condição de ser amoroso com o outro. E nada como a poesia para nos ilustrar, de modo cirúrgico, essa dimensão profunda e dolorosamente humana. Sobre isso, Adélia Prado em Amor Violeta nos diz:

O amor me fere é debaixo do braço, de um vão entre as costelas. Atinge o meu coração é por esta via inclinada. Eu ponho o amor no pilão com cinza e grão de roxo e soco. Macero ele, faço dele cataplasma e ponho sobre a ferida. (PRADO, 2017, p. 57).

Compreendo que o trabalho psicoterapêutico é esse cataplasma sobre as feridas de amor, tão bem orquestrado por essa poetisa brasileira. Com isso, quero discorrer um pouco sobre o psicólogo, aquele profissional que defino como o escutador de almas, ou melhor, um auscultador. No contexto hospitalar, entendo que este escutador de almas desempenha o papel de atravessar a peregrinação da doença e da dor de ser um outro eu que não o eu que se era. Parece confuso, eu sei. Talvez seja assim que nossos pacientes se sintam. E o psicólogo, em nosso caso um Gestalt-terapeuta, acompanha esse sujeito nessa confusão, nesse desnorreamento, nessa desconexão, nesta busca por um self integrado. Elucidado, assim, o nosso privilégio advindo desse lugar, o de acompanhar o outro em suas dores e em seus modos de ser-mundo. Isso nos humaniza.

Deste modo, um Gestalt-terapeuta caminha existencialmente com o seu paciente em um trecho muitas vezes difícil. Ele ampara, acolhe, oferece água e comida quando se está com sede e fome, oferta calor no frio, coloca no colo em tempos de desabrigo, ilumina com a lanterna a escuridão, etc. Ele caminha existencialmente com o outro, ofertando uma companhia que torne o árido caminhar peregrinação sagrada. Ele se faz Rosto. O Gestalt-terapeuta é, assim como seu paciente, um peregrino.

## 2. CAMINHOS GESTÁLTICOS COM TRISTEZA

Tristeza é o nome pelo qual designo uma das genitoras acompanhadas por mim em um hospital especializado. Ela vivenciou episódios traumáticos em relação a procedimentos médicos com seu filho, que foram preditores de sua percepção da possibilidade de óbito da sua criança. Com isso, ela,

como em uma luta, salvou-se, socorrendo o filho durante um episódio de risco e de procedimento de salvamento. Enalteci sua maternidade, tão sagrada, tão salvadora, tão forte. Entretanto, depois desse episódio de salvamento, havia medo, o qual ficou escondido dentro de si em algum lugar muito secreto de seu corpo-vivência. Seu sofrimento repousava em seu fundo de vividos, em seu corpo.

No atendimento clínico, esse lugar secreto deu espaço a um lugar comum entre o psicólogo e a paciente, e aqui corrijo, entre um humano e outro humano. Nesse momento, houve um relevar-se ao outro, que eu entendo ser uma espécie de nudez psíquica em que emerge o corpo-fala. Também houve uma atitude de gratidão do psicólogo, com uma postura de reverência para o sofrimento que emergiu como figura desse lugar muito secreto em seu corpo-vivência. Assim, houve um toque suave, cuidadoso e amoroso com o conteúdo revelado do fundo, que tomou forma de figura, e que por ninguém havia sido auscultado até então. Lembro-me, então, de Hycner e Jacobs (1997) quando afirmam que as pessoas clamam em seu ser mais profundo para serem vistas e confirmadas. Foi nesse processo espontâneo e autêntico que se delineou a delicadeza deste caminho gestáltico.

Tristeza verbalizava com frequência o medo de que seu filho viesse a óbito. A situação de hospitalização em uma Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTI-PED) delatava o grave quadro clínico da criança, que demandava cuidado contínuo e revelava os riscos inerentes desse processo. Tristeza percebia a fragilidade de seu filho e a necessidade de tecnologia médica para a sua sobrevivência. Estava consciente disso. Por isso, havia em nosso campo cocriado muita angústia, ansiedade e medo. Instaurava-se um processo de luto pela ruptura na habitualidade do ser-mãe, bem como de seu ciclo vital habitual. Agora, toda a sua atenção, a sua figura, centrava-se em seu filho adoecido, demandando reorganização de seu campo experiencial. Assim, ela passava todos os dias acompanhando seu filho no leito da UTI-PED, sendo presença na ausência de responsividade do filho.

Assim, as primeiras sessões com Tristeza foram regadas de sofrimento emocional agravado, definido por Schillings (2017),

como uma relação de campo, em que o sujeito não encontra em si e no campo o auto e heterossuporte para equilibrar suas necessidades com as do meio, não promovendo a autorregulação organísmica, ou melhor, a autoecorregulação do campo situacional de contatos (ASSIS, 2025). Esse sofrimento, para Francesetti (2021), revela a ausência do outro na fronteira, configurando-se como uma experiência em que não houve assimilação pelo self devido a falta de apoio suficiente para o contato. Com isso, a Gestalt fica incompleta, fora da função personalidade do self e permanece no fundo do corpo (FRANCESSETTI, 2021). Tristeza vivenciava esse processo secretamente até começarmos nosso caminho gestáltico, em que a falta se fez presença suporta.

As outras sessões pautaram-se em um trilhar menos doloroso para essa paciente, revelando que, de acordo com a melhora clínica do filho, Tristeza apresentava melhora significativa em seu quadro clínico-emocional global. Tratar a mãe é tratar o filho e vice-versa, visto que esta díade nunca é completamente rompida, mas transformada, ressignificada e reorganizada. Aqui, a Psicologia da Gestalt ajuda-nos a entender a relação parte-todo, em que a mobilização em uma parte afeta a totalidade, havendo uma relação de interdependência. É essa concepção, bem como a Teoria de Campo, que nos faz compreender que a melhora clínica do filho também é a melhora clínica da mãe e vice-versa.

Essa melhora na totalidade mãe-filho ocorre devido a essa relação encontrar ecos de profunda sincronia e interdependência, sendo que a Gestalt-terapia compreende que há, a priori, na relação mãe-filho uma confluência saudável. Nesse fenômeno, a parte e o todo são indistinguíveis, havendo pouca distinção entre si e o meio, demonstrando uma espécie de fusão, de interdependência necessária para o crescimento. Essa confluência saudável em algumas relações e ciclos de vida caracteriza-se como sendo uma experiência contactável, como se observou em Tristeza e seu filho. Ou seja, por mais que haja um afrouxamento das fronteiras, há contato, que pressupõe, necessariamente, o movimento de afastamento-aproximação (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1951/1997; PERLS, 1973/2020).

No caminhar com Tristeza, as últimas

sessões trouxeram como fenômenos a gratidão, o alívio, a felicidade e muitos risos. Evidencia-se, portanto, que, em Psicologia Hospitalar, pode-se também trabalhar terapêuticamente com essas vivências positivas, opondo-se ao seu objetivo central da Psicologia Hospitalar, que, segundo Angerami-Camon (2001), visa à diminuição do sofrimento. Penso que o Gestalt-terapeuta na Clínica Ampliada trabalha com a totalidade, que inclui as polaridades de vivências positivas e negativas. Isso é Gestalt, uma estrutura de totalidade e, conforme Ribeiro (2009), a Abordagem Gestáltica configura-se como sendo uma terapia da totalidade. E há muita gratidão e alegria para ser cuidada em hospitais, assim como há muita dor e sofrimento. Há totalidade.

Porém, após a alta hospitalar, o filho de Tristeza apresentou uma crise e faleceu em outra unidade de saúde. Fiquei sabendo através de um colega médico pediatra. Não tive mais contato com ela, assim, não pude acompanhá-la em seu processo de luto pela perda da fisicalidade do filho. Para mim, ficou claro que a vida é um mistério, uma dança de polaridades que acontece no aqui-agora. Nada é uma certeza. Esse é, também, o campo do dialógico, visto que

(...) a relação dialógica em gestalt-terapia revela-se como um campo de pluralidades. O encontro terapêutico é dança, luta, trabalho artístico, sacralidade, profanidade. Nessa pluralidade fenomênica constitui-se o labor do terapeuta, profissional que lida com as contradições da existência humana (MOTTA; ASSIS; SATELIS, 2020, p.390).

Assim como na vida, na psicoterapia lidamos com as contradições, com o mistério, com o inesperado. Essa é a convocação da dimensão do dialógico. Era esse o caminho de Tristeza. Espero que ela tenha encontrado, se não caminhos gestálticos, outros caminhos de acolhimento, suporte e cura, visto que a clínica do luto demanda "(...) acolhimento e ressignificação e não superação de fases pré-estabelecidas e minimização de possíveis sintomas" (ASSIS; MOTTA; SOARES, 2019, p. 52). O luto materno, em sua profunda dor total encarnada, demanda do campo suporte para que seja possível a restauração do diálogo mãe-filho que foi interrompido. Há de se reinventar uma nova modalidade de diálogo, de contato, de encontro, de relação, para além da fisicalidade humana. Per-

cebo que Tristeza em seu processo de dor lutava ao enlutar-se, transformando-se em luta-luto.

### 3. CAMINHOS GESTÁLTICOS COM ANGÚSTIA

Angústia é a outra mãe que pude acompanhar, em que estávamos trabalhando suas vivências de despedida da filha que, provavelmente, faleceria em poucos dias, ou seja, a paciente vivenciava o luto antecipatório da filha que estava sob Cuidados Paliativos Exclusivos. Para mim, Cuidados Paliativos são cuidados de amor na dor. É assim que eu e Luto vivenciávamos cada dia, cada aqui-agora de nosso encontro. Falávamos de amor com tanta dor! Falávamos de enlutamento.

Compreendo o luto como uma condição processual, um modo de ser-mundo, baseando-me em uma perspectiva fenomenológica-existencial, tão cara para nós Gestalt-terapeutas. Assim, não acredito no luto enquanto um processo fásico em que há superação de etapas. O enlutamento, então, em nossa perspectiva, pode ser entendido como a condição em que uma relação dialógica Eu-Tu foi abruptamente rompida, em que um mundo de coexistência da dimensão do Nós foi perdido (ASSIS; MOTTA; SOARES, 2019; FREITAS; MICHEL, 2014; FREITAS; MICHEL, 2015; FREITAS; MICHEL; ZOMKOWSKI, 2015). Esse rompimento vincular pode ocorrer pela morte ou pela ruptura na habitualidade da relação vivida até então. Esta última característica era o processo vivido por Angústia, que experienciava uma nova relação, agora com a filha gravemente adoecida e sedada, em fase final de vida. Portanto, o luto materno

(...) é uma experiência de intenso sofrimento, com repercussões físicas e emocionais. Assim, a dor do luto se dá na totalidade da mãe, em todo o seu ser-no-mundo. Com a perda, o filho anuncia-se como presença-ausente. Ausente, pois não se está mais no campo existencial da mãe, em sua materialidade corpórea, porém, presente nas lembranças, nas alterações do cotidiano, nos sentimentos despertados pela morte e na perda do sentido e do modo de existir. Em suma, a presença do ente falecido se revela no sofrimento, pois é este o indicativo de que o filho se faz presente (ASSIS; MOTTA; SOARES, 2019, pp.52-53).

Compreendo esse fenômeno enquanto a morte e a perda da concretude destas experiências, mas também no nível de uma perda/morte gradual, processual, antecipatória, como Angústia experienciava. Falávamos disso nas sessões, do sofrimento inaugurado com o rompimento de uma habitualidade da relação mãe-filha, de um Nós que estava se perdendo aos poucos, isso que é luto antecipatório. Falávamos de despedida, de um adeus dado a cada aqui-agora. E aqui me lembro de Buber (1923/2001), que afirma que "toda vida atual é encontro" (p. 13). Com isso, o filósofo do diálogo defende que todo o viver verdadeiro é encontro Eu-Tu, que é um dos elementos que se busca experimentar em Gestalt-terapia enquanto uma psicoterapia dialógica.

Assim, compreendo que os últimos dias de Angústia com sua filha em fase final de vida era uma forma de encontro Eu-Tu. Ela estava plenamente com sua filha, com todo o seu ser, ancorada no aqui-agora, experienciando o que ainda restava de vida, apesar da intensa dor. Eu e Angústia falávamos dos desencontros existenciais, mas de outros encontros para além do corpo vivo e ativo. Falávamos de presenças-ausentes (ASSIS; MOTTA; SOARES, 2019), preparando para a concretude da perda no lá-e-então, que parecia a cada dia se aproximar.

Lembro-me de que em uma de nossas sessões, dentro da Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTI-PED), realizamos o que eu percebo atualmente ser um experimento, mas, na época, era da ordem do pré-reflexivo, da humanidade e da dignidade. É que o experimento gestáltico é vivido corporalmente e não pensado cognitivamente. O experimento é a priori, acontece no aqui-agora da relação criada, já a elaboração do experimento é a posteriori do vivido, envolvendo também a dimensão cognitiva. Com ajuda de uma enfermeira, a filha de Angústia foi retirada do leito e colocada no colo da mãe. E assim, ficamos nós três naquele local, em silêncio. Fiz-me presença e testemunha. É assim um Gestalt-terapeuta. Angústia olhava para sua filha não-responsiva de forma terna, amorosa, acariciando-a. Às vezes, falava algo. Estávamos em um ritual de despedida. Aquele era um dos últimos momentos de encontro corpo-corpo, de maternagem carnal.

Delicadamente, perguntei para An-

gústia como ela estava se sentindo nessa experiência. Ela chorou ao se dar conta de que seria um dos últimos momentos com sua filha. Isso é awareness, uma consciência emocionada da totalidade. Fiquei em silêncio, confirmando corporalmente sua experiência no aqui-agora. Estava presente e incluído em seu campo. Esse era nosso entre. Eu estava emprestando a minha carne para dar forma ao seu sofrimento, como nos elucida Francesetti (2021), pois, para esse autor, o sofrimento é a ausência do outro significativo na fronteira de contato, logo o que se demanda na clínica do sofrente é o Rosto do psicoterapeuta. Assim, estávamos em um encontro entre corpos-vivências, "(...) um encontro de carnes, entre seres encarnados, comunicando-se corporalmente através do corpo-fala" (ASSIS, 2025, p. 63). Percebo que Angústia em seu processo lutava para suportar a dor, transformando-se em luta-luto.

#### 4. CONCLUINDO CAMINHOS GESTÁLTICOS: É POSSÍVEL?

Penso que um texto é uma Gestalt aberta, nunca está fechado. Sempre se pode prosseguir, incluir, reformular, caminhar, etc. Neste artigo, parti do pressuposto do fazer clínico enquanto uma caminhada em que o psicólogo acompanha a jornada do paciente durante um percurso difícil de seu caminhar existencial. Esse caminho é aberto a múltiplas possibilidades, incluindo, necessariamente, fluxo de inúmeras Gestalten. Assim, penso estar aqui tecendo algumas últimas considerações e não uma conclusão final. Trata-se do que chamei, em publicação anterior, de Gestalt-terapia do inacabado, ao pensar a existência como uma grande Gestalt aberta, caracterizando-se como, fundamentalmente, uma incompletude. Logo o inacabado é baseado na postulação de uma clínica do corpo em movimento (ASSIS, 2025). É de nosso mestre, Dr. Fritz Perls, que aprendemos que uma Gestalt só se completa com a morte.

Nesse inacabamento, penso que as unidades de presença captadas durante os encontros clínicos com as duas pacientes e descritas fenomenologicamente nesta vinheta clínica são algumas possibilidades de visadas perceptivas, mas não todas elas. Em um olhar intersubjetivo diante das histórias de Tristeza e Angústia, compreendo que o sofrimento materno diante da doença de um filho ocorre na polaridade luta-luto. Am-

bas lutaram e enlutaram-se. Assim, o luto funda-se como uma luta emocional. E nessa luta-luto, o Gestalt-terapeuta acompanha a paciente na busca de reorganização de seu campo experiencial.

Neste caminho gestáltico, penso que alguns itens são indispensáveis na bagagem existencial: ausculta psicológica, presença, confirmação, inclusão, diálogo sem reservas e sem julgamento, abertura ao entre e a não-manipulação do contato. Trata-se de uma clínica sensível, que demanda uma atitude amorosa e um profundo silêncio interior que busca suportar a intensa dor que emerge no campo cocriado entre psicoterapeuta-paciente. O Gestalt-terapeuta, nesse caminho, oferece heterossuporte em tempos de autossuporte frágil dessas pacientes para que se opere os ajustamentos criativos funcionais. Ele espera, silenciosamente, a travessia dolorosa, buscando que na vivência dialógica haja a cura. A clínica gestáltica com mães em sofrimento existencial agudo caracteriza-se como uma clínica do encontro, ética, política e estética (ASSIS, 2022; MOTTA; ASSIS; SATELIS, 2020).

As experiências clínicas acompanhando mães em grave sofrimento emocional devido ao adoecimento e à hospitalização de seus filhos evidenciaram um caminho gestáltico na direção do cuidado debruçado sobre as feridas do amor. Se o amor que foi ferido, é ele também o caminho de cura. Cura enquanto a vida do filho morto pulsando na existência da mãe, é o Tu agora presente em outra dimensão vivencial. Delineia-se, então, uma clínica do luto, que, em suma, é uma clínica do amor terapêutico, com enfoque na atitude Eu-Tu (ASSIS, 2024). Portanto, a Gestalt-terapia com mães em profundo sofrimento deve focar os dispositivos dialógicos, caracterizando como uma abordagem de cuidado relacional, sendo essa a experimentação primordial que visa à reconstrução de uma nova relação mãe-filho.

Iniciei este artigo, na epígrafe, com um trecho do livro *A menina e o pássaro encantado*, de Rubem Alves, que nos fala sobre a partida de nossos amores e sobre a saudade que fica como marca da presença-ausente. Nesse movimento, quero encerrar com um poema de Adélia Prado, que descreve poeticamente a dor humana, que inclui o sofrimento materno diante do adoecimento e/ou morte de um filho, intitulado *Bendito*:

Louvado sejas Deus meu Senhor, porque o meu coração está cortado a lâmina, mas sorrio no espelho ao que, à revelia de tudo, se promete. Porque sou desgraçado como um homem tangido para a força, mas me lembro de uma noite na roça, o luar nos legumes e um grilo, minha sombra na parede. Louvado sejas, porque eu quero pecar contra o afinal sítio aprazível dos mortos, violar as tumbas com o arranhão das unhas, mas vejo Tua cabeça pendida e escuto o galo cantar três vezes em meu socorro. Louvado sejas, porque a vida é horrível, porque mais é o tempo que eu passo recolhendo os despojos, velho ao fim da guerra com uma cabra mas limpo os olhos e o muco do meu nariz, por um canteiro de grama. Louvado sejas porque eu quero morrer mas tenho medo e insisto em esperar o prometido. Uma vez, quando eu era menino, abri a porta de noite, a horta estava branca de luar e acrí dotei sem nenhum sofrimento. Louvado sejas! (PRADO, 2017, pp. 44-45).

## REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **A menina e o pássaro encantado**. Jandira: Ciranda na Escola, 2023.
- ANGERAMI-CAMON, V. A. **E a psicologia entrou no hospital**. São Paulo: Pioneira, 2001.
- ASSIS, G. A. P. **Gestalt-terapia com pessoas que existem com HIV/Aids: a clínica do corpo**. Curitiba: Juruá, 2025.
- ASSIS, G. A. P. O trabalho com a criança interior ferida em Gestalt-terapia. **Fluir: revista de estudos gestálticos**, v. 4, n.5, p. 15-22, 2024.
- ASSIS, G. A. P. A abordagem gestáltica com gays em processo de morte pela Aids: experiências em clínica ampliada. Em ALVIM, M.; BARROS, P.; ALENCAR, S.; BRITO, V. (Orgs.), **Por uma gestalt-terapia crítica e política: relações raciais, gênero e diversidade sexual**. Porto Alegre: Editora Fi, 2022.
- ASSIS, G. A. P., MOTTA, H. L. & SOARES, R. V. **Falando sobre presenças-ausentes: vivências de sofrimento no luto materno**. NUFEN, v. 11, n. 1, p. 39-54, 2019.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro: 1923/2001.
- FRANCESETTI, G. **Fundamentos da psicopatologia fenomenológico-gestáltica: uma introdução leve**. Belo Horizonte: Artesã, 2021.
- FREITAS, J. L.; MICHEL, L. H. F. **A maior dor do mundo: O luto materno em uma perspectiva fenomenológica**. Psicologia em Estudo, v. 19, n. 2, p. 273-283, 2014.
- FREITAS, J. L.; MICHEL, L. H. F. **A vivência do luto materno: Um olhar fenomenológico-existencial**. Em FREITAS, J. L.; CREMASCO, M. V. F. (Orgs.), *Mães em luto: a dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas* (pp. 25-44). Curitiba: Juruá, 2015.
- FREITAS, J. L., MICHEL, L. H. F.; ZOMKOWSKI, T. L. **Eu sem tu: Uma leitura existencial do luto em psicologia**. Em FREITAS, J. L.; CREMASCO, M. V. F. (Orgs.), *Mães em luto: a dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas* (pp. 15-24). Curitiba: Juruá, 2015.
- HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e cura em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.
- MOTTA, H. L.; ASSIS, G. A. P.; SATELIS, L. R. **A gestalt-terapia como clínica do encontro: compreendendo a relação dialógica**. Revista da Abordagem Gestáltica, v. 26(especial), p. 382-392, 2020.
- PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1951/1997.
- PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: LTC, 1973/2020.
- PRADO, A. **Reunião de poesia**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.
- RIBEIRO, J. P. **Holismo, ecologia e espiritualidade: caminhos de uma Gestalt plena**. São Paulo: Summus, 2009.
- SCHILLINGS, A. Os sofrimentos emocionais agravados e o diagnóstico borderline. Em FRAZÃO, L. M.; K. O. FUKUMITSU (Orgs), **Quadros clínicos disfuncionais e gestalt-terapia** (pp. 117-140). São Paulo: Summus, 2017.



## GESTALT-TERAPIA, NEOLIBERALISMO E ADOECIMENTO: UMA RELAÇÃO TECIDA NOS VAZIOS DA PERFORMANCE

*Maria Alicya Teixeira Alves Firmo*<sup>1</sup>  
*Tancredo Lobo*<sup>2</sup>

### RESUMO:

O trabalho ocupa lugar de centralidade na constituição da humanidade. Apropriado pelo capitalismo, na pior forma da hiperexploração, contemporaneamente, tem-se caracterizado como fonte de sofrimento e de adoecimento. Como a Gestalt-Terapia se posiciona para compreender o sofrimento humano e possivelmente contribuir para aliviar as condições disfuncionais relativas ao trabalho? Refletir sobre essa questão é o objetivo deste texto, que parte da explicitação de que o capitalismo é um sistema econômico baseado no lucro e na competição, de acordo com Byung-Chul Han (2017), marcado pelo excesso de produtos e de desempenho por parte dos explorados. Em seu estágio neoliberal, deixa de ser uma questão exclusivamente econômica, para ser a nova racionalidade, conforme Dador & Laval (2016), determinando outras relações. Bem como ensina Belmino (2021), não é possível olhar para o sofrimento de forma isolada, sem compreender as vicissitudes sociais, conforme preceito da Gestalt-terapia que compreende a existência como algo relacional (Francesetti, 2021). Esse entendimento revive o que Jean-Paul Sartre chamou de “angústia”, como um fenômeno natural e saudável, mas que coloca o sujeito diante do desconforto ou ameaça do viver. Situações como a Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional tem levado os trabalhadores à exaustão extrema, estresse e esgotamento. Aqui, se convoca a Gestalt-terapeuta, para acolher o vazio de sentido e transformá-lo em um terreno fértil para novas possibilidades: não apenas encontrar respostas pessoais, mas contribuir para uma mudança social mais ampla.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho; adoecimento laboral; angústia; possibilidades.

<sup>1</sup> Psicóloga pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio - Unileão (2023); CRP 11/21077; Gestalt-terapeuta pela Ethos - Estudos e Psicologia Clínica (2024) e graduanda em Filosofia pela Universidade Federal do Cariri - UFCA. Atendimentos on-line e presencial em Juazeiro do Norte/CE. E-mail: alicyatfirmo@gmail.com

<sup>2</sup> Psicólogo formado pela Faculdade Pitágoras de Fortaleza (2019); CRP 11/15267; Gestalterapeuta pelo Centro Gestáltico de Fortaleza; doutor em Educação pela UFC; atendimentos presencial em Crato - CE. e on-line; e-mail: tancredo\_lobo@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

A constituição da condição de humanidade conta com um dos mais significativos pilares: o trabalho. A atividade especificamente humana que envolve esforço físico e pensamento, está para além da relação de apropriação e modificação da natureza, envolve recursos de sobrevivência e a produção de sentidos e significados, aspectos tão fundamentais para o desenvolvimento da sociabilidade e organização das sociedades. Dentre as diversas disciplinas que estuda esse assunto, o materialismo histórico-dialético aposta no caráter econômico das relações de trabalho, mas não despreza a natureza antropológica do labor na formação da consciência.

Na contemporaneidade, o trabalho tornou-se uma questão central na vida dos indivíduos, moldando sua identidade de forma profunda e muitas vezes angustiante. A relação entre o sujeito e o trabalho é tão intrínseca que a ausência deste último pode levar ao adoecimento psíquico, como evidenciado nas experiências de pessoas idosas que, mesmo após a aposentadoria, continuam ativas no mercado de trabalho. Tal dedicação extrema à produção reflete um modelo socioeconômico marcado pelo excesso e pela pressão constante, características do sistema capitalista, aprofundadas no seu viés neoliberal. A lógica de que a identidade do indivíduo está diretamente relacionada à sua capacidade produtiva gera um ciclo vicioso que frequentemente culmina em sofrimento e adoecimento mental. Michel Foucault já apontava, em suas reflexões sobre a modernidade, a exclusão daqueles que não se mostravam economicamente produtivos, um fenômeno que reverbera até os dias atuais.

O discurso da produtividade permeia as relações sociais contemporâneas e tem contribuído para o aumento alarmante de casos de depressão e Síndrome de Burnout, preocupando os profissionais das áreas de saúde. Nesse contexto, a Gestalt-terapia emerge como uma abordagem terapêutica que busca compreender essas questões, não apenas no nível individual, mas também em sua relação com o ambiente social mais amplo. O papel do Gestalt-terapeuta é, portanto, fundamental para ajudar os indivíduos a navegar por esse vazio existencial gerado pela pressão por desempenho, promo-

vendo um espaço de acolhimento e reflexão sobre suas emoções e experiências.

A tarefa do terapeuta é, ainda, tornar esse vazio fértil, ajudando o cliente a descobrir suas verdadeiras necessidades e valores, além da mera produção. Através da conscientização e da exploração criativa, os sujeitos podem começar a ressignificar sua relação com o trabalho e encontrar um sentido mais autêntico em suas vidas. Assim, a Gestalt-terapia não só oferece alívio para o sofrimento imediato como também propõe uma transformação significativa na maneira como os indivíduos se percebem dentro de um sistema que muitas vezes os desumaniza.

Por fim, este trabalho interroga: Mas qual é a postura da Gestalt-terapeuta diante de algo que é amplo como a sociedade (macro) ao mesmo tempo singular, pois o sofrimento é do sujeito.

Desde os seus fundamentos, evidencia-se que a Gestalt-terapia compreende o sujeito como um todo. O que significa que este sujeito é constituído pelo meio no qual está inserido e afetado por este. Assim, não é possível pensar uma prática pautada na abordagem gestáltica, sem pensar o contexto no qual este sujeito está inserido, tendo em vista que ele se constitui a partir das relações com os outros e com o mundo.

O indivíduo influencia seu entorno ao mesmo tempo que é influenciado; afetado e afetante, ele é indissociável de seu meio ambiente. Essa concepção unitária do "campo organismo/ambiente" vem impactar a concepção tradicional do sujeito. A visão gestáltica põe o acento sobre a maneira singular de cada um ser no mundo e de contactar esse mundo, abrindo uma possibilidade fecunda de movimentos e de ajustamentos da fronteira de contato, num vai-e-vem contínuo entre o interno e o externo, entre o eu e o não eu (MASQUELIER-SAVATIER, p.39, 2025).

Ressalte-se que a Gestalt-terapia, como teoria psicológica, fundamenta-se na filosofia existencialista heideggeriana, que compreende o sujeito como Ser-com, ou seja, ele se constitui a partir de sua relação com o mundo, por isto faz-se necessário contextualizar a relação dessa abordagem na compreensão da sociedade contemporânea, para assim, entender os sinais e sintomas

que emergem em decorrer deste meio, por exemplo o adoecimento.

## 2 - COMPREENSÃO DA GESTALT-TERAPIA SOBRE A CONTEMPORANEIDADE: UMA INTERRUPTÃO DE SI E DE QUEM SE É

O capitalismo é um sistema econômico baseado na propriedade privada dos meios de produção, na busca pelo lucro e na livre concorrência, o que, de acordo com Byung-Chul Han (2017), faz com que uma das características marcantes da contemporaneidade seja o excesso de competitividade, para concorrer, lucrar e produzir. No entanto, o sujeito do desempenho para se sentir incluído nesse sistema e conseqüentemente pertencente a ele, produz, incessantemente. Para além disso, existe o fato que "para ser "aceito" socialmente, esse sujeito precisa ser igual aos outros" (Firmo e Roque, 2022, p. 1485), constituindo o que Byung-Chul Han nomeou de "inferno do igual" (2023), onde o sujeito é inimigo de si mesmo, conseqüentemente, autodestrutivo e alienado. Assim, para se sentir pertencente ao sistema – ou ao que podemos nomear de "vida real" na contemporaneidade, é imperativo sobrecarregar-se.

Portanto, essa lógica constitui o que Belmino (2021) nomeia de "pessoas empresas" (p. 34) ou Han (2017) nomeia de "empresários de si mesmos" (p. 24). Isso implica dizer que o sistema capitalista criou a ideia de que nós, sujeitos e/ou seres humanos, somos os únicos responsáveis por nosso sucesso ou nosso fracasso, logo, o seu insucesso é fruto da sua incapacidade, já que você é a sua própria empresa e/ou negócio, ofuscando com isso o verdadeiro sistema de destruição da humanidade.

Assim, percebe-se que o neoliberalismo deixa de ser uma questão que tange a organização do Estado, para ser a nova racionalidade (Dador; Laval, 2016), ou seja, uma nova configuração social, para determinar como o indivíduo deve viver, ditando, inclusive, sobre como devem ser as relações. Conseqüentemente, torna a "competitividade, lucratividade e o individualismo como fundamentos da maneira como subjetivamos" (Belmino, 2021, p. 34), ou seja, tornando o individualismo o *modus vivendi* que fundamenta a nossa subjetividade, produ-

zindo, assim, o que Han (2017) vai nomear de indivíduos "depressivos e fracassados" (p. 24), porque essa pessoa-empresa será sucumbida pelo sentimento de insuficiência, angústia, tristeza, frustração, cansaço, desânimo, apatia, insônia e falta de sentido para viver. Por isso que o sujeito do desempenho ou pessoa-empresa é "nutrido pela ilusão de que mais capital produz mais vida, mais capacidade de viver. Mas essa vida é uma vida nua, uma sobrevivência" (Han, 2023, p. 95). Diante dessa vida nua, que produz apenas sobrevivência, não há espaço para as vicissitudes, para a dimensão visceral, crua, do sujeito.

Assim, diante da vida previsível que vive o sujeito do desempenho, marcada pelo "inferno do igual" (Han, 2021), onde todos e todas pensam e vivem igualmente, tem-se uma contemporaneidade marcada por um viver inautêntico, pois não se sabe o que é viver plenamente, por isto, sobrevive.

Tal forma de agir, coercitiva, inibe a vitalidade do sujeito, incapacita sua criatividade e produz indivíduos neuróticos. Goodman vai compreender, assim, a neurose como uma forma de ajustamento a coerção imposta pelo sistema, sendo a forma encontrada pelo indivíduo para se sustentar (Belmino, 2021). Por isso que, para Belmino (2021), não é possível olhar para o sofrimento do indivíduo, sem compreender as vicissitudes da humanidade, já que a Gestalt-terapia compreende o sofrimento como algo relacional (Francesetti, 2021), ou seja, o sofrimento é fruto da relação que o sujeito estabelece com o mundo, com as pessoas etc.

Isso quer dizer que essa apatia e desvitalização que atravessam as pessoas-empresas, explícitas em suas expressões faciais e em seus corpos, através das olheiras, da má postura, do semblante de desânimo produzidos devido a esse viver inautêntico, precisa ser analisada em conjunto com a forma como a sociedade atual se configura, caso contrário, facilmente seria aplicável um diagnóstico nosológico de Transtorno Depressivo Maior, por exemplo.

Logo, percebe-se que a Gestalt-terapia pode compreender a contemporaneidade como interruptora do sujeito, a depender de como se experiencia as vivências e as relações cotidianas. Tendo em vista que o modelo que era para ser apenas econômi-

co, apoderou-se das outras esferas da vida, como as dimensões social e cultural, conseqüentemente, da vida vivida, produzindo indivíduos interrompidos.

Percebe-se que a cultura prega, a partir das leis e normas sociais: que tudo aquilo que gera diferença, mudança deve ser desstituído, deve ser negado. Reprimindo a capacidade do sujeito de agredir e, de acordo com Belmino (2020), o preço de tal repressão da capacidade de agressão é a apatia, a falta de criatividade e de espontaneidade, podendo gerar, como supracitado, indivíduos deprimidos e fracassados. Han (2023) vai afirmar que “perdemos toda sensibilidade para a vida intensa” (p. 93), é como se não houvesse ou não sobrasse energia para viver plenamente. Restando, apenas, um viver inautêntico.

### 3 – COMPREENSÃO DA GESTALT-TERAPIA SOBRE ADOECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS – ANGÚSTIA.

Uma das ideias sobre angústia refere-se à estreiteza, redução do espaço vital, a sensação de que se está sendo apertado, que lhe falta tempo e espaço. Jean-Paul Sartre (2015) compreende a angústia como uma experiência fundamental da existência humana. Para ele, a angústia surge quando o indivíduo confronta a liberdade radical e a responsabilidade de escolher e dar sentido à sua própria vida. Assim, a angústia é uma resposta à consciência da possibilidade de escolhas errôneas ou do vazio existencial. Com isso, Sartre argumenta que a angústia é uma parte inevitável da condição humana e que devemos enfrentá-la para abraçar nossa liberdade.

Como a Gestalt-terapia é influenciada pela filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre, a abordagem também compreende a angústia como um fenômeno natural e saudável, algo que faz parte da vida, uma resposta emocional diante de situações de desconforto ou ameaça. Sendo, então, vista como um sinal de que algo não está em equilíbrio ou não está sendo plenamente vivenciado.

Com isso, a abordagem gestáltica busca auxiliar o indivíduo a explorar e compreender sua angústia, promovendo a conscientização e a integração das experiências

emocionais. Assim, a postura da Gestalt-terapeuta pode ser pautada no encorajamento do sujeito, para que explore e vivencie sua angústia plenamente, buscando compreender suas causas e formas saudáveis ou possíveis de lidar com ela e conseqüentemente, se reestabeleça a capacidade de agressão daquele indivíduo.

Belmino traz em sua obra um movimento importante da clínica gestáltica, afirmando que “Pensar uma clínica do ego, é pensar uma clínica do ato, da transformação e da criação” (p. 128) ou seja, é pensar movimento para a vida do sujeito. Assim, ele afirma que a clínica gestáltica é uma clínica que busca fortalecer a função ego, para que o sujeito se movimente, aja e conseqüentemente, seja.

Como Gestalt-terapeutas, podemos experimentar angústia diante da nossa impotência em lidar com um paciente com Síndrome de Burnout, por exemplo, ou até mesmo, diante da angústia do paciente. Por isso é tão necessário que a Gestalt-terapeuta seja capaz de suportar sua própria angústia para conseguir suportar a angústia do outro. Mas aqui mora uma questão: será que nós, enquanto gestalt-terapeutas, suportamos a nossa angústia?

Como a angústia surge da consciência de que cada indivíduo, apesar das circunstâncias, é responsável por sua própria jornada de cura, o papel da Gestalt-terapeuta é oferecer um espaço seguro para a expressão e exploração das emoções e necessidades do paciente. Por isso, é tão importante buscar supervisão clínica regular e apoio profissional para cuidar de si.

As possibilidades de intervenção da clínica gestáltica nos estados de angústia, partem do primordial: Ser corpo junto. Somos companheiros de jornada.

Esse estado de estreitamento da vida, se expressa na angústia como falta de integração e contato consigo mesmo, do mau tratamento das emoções e da presença de necessidades e desejos não expressos. Assim, como supracitado, a angústia não é patologia, é parte natural da experiência humana. A angústia também produz o sentimento de desespero que é nada mais do que “a patologia do eu” (Clenerget-Gurnaud, 2021, p. 18). Mas o problema mora na “ideia persistente de que o desespero seria em nós a marca da disfunção, de uma anomalia que

deveria ser retificada para retomar sua vida normal” (Clenerget-Gurnaud, 2021, p. 17). Sendo assim, teríamos que nos curar de nós mesmos?

Na abordagem gestáltica, para lidar com a angústia é preciso envolver vários princípios-chave. Um deles é a awareness. Para isto, a terapeuta ajuda o cliente a se tornar presente no aqui e agora, prestando atenção aos seus pensamentos, sentimentos e sensações corporais, a fim de buscar uma maior consciência de si e conseqüentemente o cliente obter insights sobre as causas subjacentes da sua angústia.

Outro aspecto importante para o “gerenciamento” da angústia na Gestalt-terapia é o foco na experiência do cliente no momento presente, como prestar atenção à sua respiração, por exemplo. O terapeuta incentiva ainda o cliente a se envolver plenamente com seus sentimentos, permitindo que sejam expressos e reconhecidos, podendo utilizar-se de recursos expressivos como a arte, as várias possibilidades de viagens à fantasia, por exemplo. No entanto, para isto, faz-se necessária uma relação terapêutica genuína, onde o cliente consiga se sentir plenamente seguro a ponto de aceitar experienciar o que estas atividades podem despertar e para além disso, é essencial que o psicoterapeuta compreenda que o cliente só viverá a awareness no seu tempo e não no tempo que o outro deseja que aconteça. Com isso, percebe-se que este processo ajuda o cliente a integrar suas emoções e a obter uma compreensão mais profunda de si mesmo e de como tem se sentido atualmente.

Além disso, a Gestalt-terapia enfatiza a importância da responsabilidade pessoal. O terapeuta ajuda o cliente a reconhecer o seu papel na criação e perpetuação da sua angústia, ou seja, é papel do terapeuta possibilitar que o cliente reconheça qual o seu papel na criação e na vivência da angústia, assumindo, conseqüentemente, a responsabilidade por suas ações e escolhas, e a partir disso, o cliente pode se sentir capaz de fazer mudanças que façam sentido para ele/ela, encontrando a soluções para seus conflitos e integrando-se novamente, não precisando destituir-se de si para aliviar o sentimento de angústia.

Em meio a esse sentimento de angús-

tia, podem acontecer crises e em termos de gestão de crises, a Gestalt-terapia emprega uma abordagem proativa. Quando um cliente passa por uma crise de angústia, o terapeuta o incentiva a vivenciar e expressar plenamente suas emoções em um ambiente seguro e de apoio, sendo corpo junto do seu cliente, oferecendo um espaço empático e sem julgamento, onde o cliente pode compartilhar abertamente seus sentimentos a fim dele mesmo compreender o que vem sentindo. Já em casos de atuação durante uma situação de crise, o terapeuta também pode encorajar o cliente a explorar e identificar quaisquer necessidades não satisfeitas ou conflitos não resolvidos que possam estar a contribuir para a sua angústia, como por exemplo um conflito que pode ter tido com alguém importante naquele dia, qual a raiz desse conflito? Juntos, eles trabalham de forma colaborativa para resolver essas questões subjacentes e encontrar formas construtivas de atender às necessidades do cliente.

É importante notar que a Gestalt-terapia reconhece que a crise e a angústia fazem parte da vida. A terapia não visa eliminar totalmente a angústia, mas sim ajudar o cliente a desenvolver mecanismos de enfrentamento saudáveis e um maior senso de autoconsciência e resiliência.

Conclui-se, então, que a Gestalt-terapia oferece uma compreensão abrangente da angústia e fornece estratégias eficazes para o gerenciamento de crises, através de uma maior consciência, foco no momento presente, responsabilidade pessoal e gestão proativa de crises, o terapeuta pode apoiar o cliente na navegação pela sua angústia e na procura de uma solução para os seus conflitos.

Como foi dito, os estados de angústia são corriqueiros com quem está vivo. Em diversas áreas de atuação do sujeito, como estudar, trabalhar, nos relacionamentos etc, pode-se viver a sensação de estreitamento da existência. Por isso, ao trabalhar em colaboração com o cliente, a Gestalt-terapia capacita os indivíduos a desenvolver mecanismos de enfrentamento mais saudáveis e a cultivar uma maior sensação de abertura e bem-estar.

## 4 - A PERCEPÇÃO DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE A SÍNDROME DE BURNOUT: UMA MANEIRA DE INTERVENÇÃO

“O sistema é um câncer gigante”  
(Não desista agora, Filipe Ret et.al)

O Ministério da Saúde define a Síndrome de Burnout (SB) ou Síndrome do Esgotamento Profissional como “distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultando de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade” (Ministério da Saúde), e que a principal causa, é o excesso de trabalho. Pode-se afirmar que essa Síndrome expressa uma comorbidade do sistema neoliberal, que é econômico, mas também sustenta-se em padrões culturais e modos de vida, já que se tornou uma nova configuração social como supracitado. Por isso, é comum referir-se ao Burnout como “síndrome da desistência” por causa da falta de engajamento com a execução de atividades laborais, social etc.

O trabalho, tornou-se uma questão fundamental na vida do sujeito contemporâneo, o que o torna parte constituinte da identidade dele. Isso quer dizer que, se retirar o trabalho, retira-se a si mesmo, consequentemente, a probabilidade de ele adoecer aumenta. Como mencionado acima, é possível observar pessoas idosas que permanecem no trabalho, mesmo depois de aposentadas, tal é a importância dessa atividade na constituição das identidades. Muitas vezes porque dedicaram sua vida inteira para isto e quando chega o momento de pensar outras possibilidades, eles não sabem o que fazer, angustiando-se.

No entanto, a grande questão, no modelo socioeconômico no qual o sujeito contemporâneo está inserido é que ele é marcado por excessos (Han, 2017). Isso implica dizer que o sistema neoliberal prega que o indivíduo trabalhe incessantemente e dedique a sua vida ao trabalho, criando faltas para alimentá-lo. Ou seja, o sistema impõe que a sua identidade está diretamente, unicamente, relacionada com o que você produz e com o que você tem.

Prova disso é o que Michel Foucault

traz em sua obra História da Loucura (2019), quando relata que na Idade Moderna, com a inserção do sistema capitalista, todo aquele indivíduo que não era economicamente produtivo, era internado e excluído. O que superlotou os hospitais no século XVIII.

Ao que parece, essa ideia da idade moderna reverbera até a era contemporânea. Por exemplo: somente em 2023, os legisladores brasileiros retiraram da lei o termo “vadiagem”, trazido pela Lei das Contravenções Penais, de 1941, para enquadrar aqueles que não tinham profissão e trabalho definido. Afinal, o discurso da produtividade atravessa e afeta explicitamente o indivíduo, e para sentir-se útil ou pertencente a realidade, ele produz obrigada e incessantemente.

A grande questão desse discurso é que ele tem constituído sujeitos cada vez mais adoecidos. Han (2017) afirma que essa lógica tem gerado indivíduos “depressivos e fracassados”, como supracitado. Prova disso, é o fato do Brasil ser o país com mais casos de depressão na América Latina (OMS, 2022) e o afastamento do trabalho por Burnout cresceu em 1000% na última década (INSS, 2023) que nada mais é do que o esgotamento por questões de trabalho, sendo, então, uma comorbidade à grande doença que é sistema neoliberal.

Esgotado, como esse indivíduo viverá? Por isto, tantos humanos-robôs. Pessoas que apenas reproduzem e não pensam sobre o que fazem, sobre o que sentem. Não sabendo o que sente, quem se é, como viver autenticamente?

Eis que a função do Gestalt-terapeuta nesse contexto é: sustentar o vazio e fazer daquele vazio, fértil. Vazio, porque esse sujeito não sabe o que sente, como se sente, sentindo-se vazio de sentido.

Fazer do vazio um terreno fértil, é pensar possibilidades com aquele sujeito que está perdido, consumido, exausto, exaurido. A partir do acolhimento, da compreensão genuína do que aquele fenômeno representa, é extremamente relevante pensar: por que e para quê trabalhar tanto? O que tem por trás desse excesso? Quais os sentidos?

Identificar a falta que mora nesse excesso, pode ser um primeiro passo para sair do *looping* infinito que vive o sujeito do desem-

penho, termo utilizado por Han (2017) para referir-se a este sujeito que produz, incessantemente.

Assim, é possível afirmar que a Gestalt-terapia compreende a Síndrome de Burnout como sendo uma consequência desse modelo de vida neoliberal e que, diante dos discursos que permeiam o sujeito acometido pela síndrome, faz-se necessária uma postura de fazer daquele vazio, terreno fértil.

Tornando evidente que não é possível fazer uma clínica retirando esse sujeito da sociedade e desconsiderando o meio no qual aquele sujeito está inserido, tendo em vista que ele pode ser mais uma vítima do sistema econômico-político, há que se ampliar a leitura do mundo, pela diversificação das formações técnica, política, humanista etc.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, com a análise apresentada no texto sobre a intersecção entre o sistema neoliberal, a produtividade e a saúde mental, que o entrecruzamento desses elementos revela um panorama alarmante da condição humana contemporânea.

À medida que a sociedade avança em direção a uma valorização excessiva do desempenho e da eficiência, os indivíduos se veem cada vez mais sobrecarregados por expectativas que muitas vezes parecem inatingíveis. Esse cenário não apenas provoca um desgaste emocional significativo, mas também gera um estado de alienação onde o ser humano se torna uma extensão de suas funções produtivas, perdendo de vista sua essência. Nesse aspecto, a trabalho perde seu sentido humanizador e restringe-se ao sentido etimológico do termo latino “*tripalium*”, designador de um instrumento de tortura composto de três paus.

Necessariamente, essa é uma condição angustiante, que, na maioria das vezes, o sujeito sequer sabe identificar esse estado e suas nuances na produção do seu sofrimento. Como descrita no texto, a Síndrome de Burnout, emerge como um reflexo direto dessa pressão incessante para produzir. O crescimento alarmante dos casos de depressão e esgotamento no Brasil é um indicativo claro de que algo precisa ser urgentemente reavaliado na forma como vivemos e

trabalhamos.

O conceito de “humanos-robôs” ilustra bem essa desumanização do trabalhador moderno, onde a capacidade de sentir, criar e refletir é suprimida em prol da eficiência. Essa lógica não apenas prejudica a saúde mental, mas também empobrece a experiência humana como um todo, transformando vidas em um *looping* infinito de meras rotinas repetitivas, portanto estagnadas.

A Gestalt-terapia se posiciona como uma abordagem valiosa nesse contexto. Ao oferecer um espaço seguro para que os indivíduos possam explorar suas emoções e experiências, ela permite que os pacientes reconheçam e processem o vazio que sentem. O papel da Gestalt-terapeuta, então, é fundamental, principalmente ao acolher esse vazio e transformá-lo em um terreno fértil para novas possibilidades. Com isso, o terapeuta ajuda o paciente a se reconectar com sua verdadeira essência.

Esse processo de autodescoberta é crucial para romper com o ciclo vicioso imposto pelo sistema neoliberal e a reflexão proposta neste texto sobre “por que e para que trabalhar tanto?” é mais do que uma simples pergunta; é um convite à reflexão, introspecção e à reavaliação dos próprios valores.

Muitas vezes, as respostas podem levar os indivíduos a perceberem que suas motivações são influenciadas por pressões externas e não por suas verdadeiras aspirações. Essa conscientização é o primeiro passo para uma mudança significativa na forma como os indivíduos se relacionam com o trabalho e consigo mesmos.

Além disso, é importante destacar que a abordagem gestáltica não atua isoladamente do contexto social. O terapeuta deve estar ciente das dinâmicas sociais e econômicas que afetam seus pacientes. Reconhecer que muitos deles são vítimas de um sistema opressivo é essencial para oferecer um suporte genuíno. A terapia não deve ser vista como uma solução isolada para os problemas individuais; ela deve ser parte de um esforço maior para questionar e desafiar as normas sociais que perpetuam essa cultura de produtividade desenfreada. Essa perspectiva crítica é fundamental para entender o papel da saúde mental na sociedade contemporânea. A saúde mental não pode ser

dissociada das condições sociais em que os indivíduos vivem.

Portanto, promover mudanças efetivas requer uma abordagem multifacetada que inclua tanto intervenções individuais quanto mudanças estruturais nas expectativas sociais relacionadas ao trabalho.

Em última análise, o desafio está em encontrar um equilíbrio entre produtividade e bem-estar. A sociedade precisa repensar suas prioridades: será que vale a pena sacrificar nossa saúde mental em nome da eficiência? É possível criar ambientes de trabalho mais saudáveis onde as pessoas possam prosperar sem se sentir pressionadas a produzir incessantemente? Essas são questões cruciais que precisam ser abordadas tanto por profissionais da saúde mental quanto por líderes empresariais e formuladores de políticas.

O impacto da cultura neoliberal na saúde mental é profundo e multifacetado. Para muitos indivíduos, a desconexão entre suas identidades pessoais e profissionais resulta em sofrimento emocional significativo. A luta por autenticidade em meio às pressões externas exige coragem e apoio adequado. Nesse contexto, as práticas terapêuticas devem ser adaptadas para atender às necessidades dos pacientes em um mundo em constante mudança, levando em conta não apenas suas experiências pessoais, mas também as forças sociais mais amplas que moldam suas vidas.

Portanto, ao refletirmos sobre as implicações do texto, é evidente que há uma necessidade urgente de reavaliar nossa relação com o trabalho e com nós mesmos. A Gestalt-terapia oferece ferramentas valiosas para essa reflexão, mas também requer uma resposta coletiva à crise da saúde mental na era neoliberal. Ao acolher o vazio existente nas vidas dos indivíduos e transformá-lo em espaço para novas possibilidades, podemos trabalhar juntos para construir uma sociedade onde o bem-estar emocional seja tão valorizado quanto a produtividade.

Em conclusão, o caminho para uma vida mais autêntica passa por questionamentos profundos sobre nossas motivações e valores. Através da terapia, é possível não apenas encontrar respostas pessoais, mas também contribuir para uma mudança social mais ampla. O desafio está lançado: como pode-

mos transformar nosso entendimento sobre trabalho e produtividade para promover uma vida mais saudável e significativa? A resposta pode estar nas pequenas mudanças diárias ou nas grandes reformas sociais; o importante é começarmos essa conversa agora.

## REFERÊNCIAS

BBC BRASIL. **O que sabemos sobre a depressão e como ela pode ser tratada.** BBC Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cnk4p78q03vo>. Acesso em: 25 nov. 2024.

BELMINO, Marcus César. **Gestalt-terapia e experiência de campo: Dos fundamentos à prática clínica.** São Paulo: Paco, 2020.

BELMINO, Marcus César. **Paul Goodman e seus desdobramentos clínicos, políticos e educacionais: Gestalt-terapia, anarquia e desescolarização.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

BRASIL. **Na América Latina, Brasil é o país com maior prevalência de depressão.** Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/na-america-latina-brasil-e-o-pais-com-maior-prevalencia-de-depressao>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CNN BRASIL. **Setembro Amarelo: quais são os sinais de alerta da depressão.** CNN Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/setembro-amarelo-quais-sao-os-sinais-de-alerta-da-depressao/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a Sociedade neoliberal.** São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: Na Idade Clássica.** São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2019

FRANCESETTI, Gianni. **Fundamentos da Psicopatologia Fenomenológica-Gestáltica: Introdução leve.** Tradução de Débora Andreza Zacharias. Belo Horizonte, MG: Artesã, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço.** Tradução de Ênio Paulo Giachini. 2ª Edição Ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Vida contemplativa: Ou sobre a inatividade.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2023.

MASQUELIER-SAVATIER, Chantal. **A Gestalt-terapia.** Tradução: Álvaro Mendonça Pimentel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2025.

PERLS, Fritz. HEFFERLINE, Ralph. GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** 3ª Edição. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

RET, Felipe. FALCÃO, Marcelo. DALLAS. **Não desista agora.** Rio de Janeiro: Gravadora Som Livre, 2021.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica.** 24ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

TEIXEIRA ALVES FIRMO, M. A.; BRITO ROQUE, J. I. ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA BANALIZAÇÃO DA MORTE EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19: A NECESSIDADE DE FUGIR DA REALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia.** [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1480–1488, 2022. DOI: 10.16891/2317-434X.v10.e3.a2022.pp1480-1488. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/1012>. Acesso em: 6 out. 2023.

A revista eletrônica FLUIR é um veículo de comunicação do Centro Gestáltico de Fortaleza com a comunidade gestáltica, acadêmica e social-comunitária. É espaço de divulgação de trabalhos científicos, e reflexões afins, aberto aos professores formadores, aos alunos das formações do CGF e demais sujeitos parceiros. As opiniões emitidas nos trabalhos aqui publicados, bem como a exatidão e adequação das referências bibliográficas são de exclusiva responsabilidade dos autores, portanto podem não expressar o pensamento dos editores. A reprodução do conteúdo desta publicação poderá ocorrer desde que citada a fonte.

Fluir



centro  
gestáltico  
de Fortaleza

**CENTRO GESTÁLTICO DE FORTALEZA**

[www.centrogestalticofortaleza.com.br](http://www.centrogestalticofortaleza.com.br) | [fluir@centrogestalticofortaleza.com.br](mailto:fluir@centrogestalticofortaleza.com.br)